

「 não ficção 」

Luis  
Cosme Pinto

## As geladeiras de Gilberto

— Vou comprar a quinta geladeira.

Fui preparado para ouvir um segredo. Doença grave, demissão do novo emprego, problema com a filha pré-adolescente. Tudo, menos geladeira.

O que dizer a alguém que pede angustiado uma conversa e traz como a grande revelação a compra de uma geladeira? A quinta.

É preciso conhecer Gilberto para entender outras estranhezas. Chefe de reportagem numa importante redação de São Paulo, comanda várias equipes, controla horários, escalas de trabalho e conquistou a confiança do diretor de jornalismo daquela televisão. É bem formado e informado, cultiva fontes e se orgulha do texto objetivo e claro que ensina a iniciantes e veteranos.

Um homem ocupado, o Gilberto. Ganha bem e trabalha muito, diz que o jeito de sofrer menos com as responsabilidades é chegar bem cedo e sair bem tarde.

“Tenho uma tese”, afirma, enquanto ajeita os óculos com a ponta do indicador amarelado. Nesse momento, ele mais parece o chefe do RH. “Distribuído ao longo da jornada, o estresse se dilui com a agenda do dia, é como se dividíssemos a sobrecarga em doses homeopáticas de compromissos para nós e nossos colaboradores.” Agora, ainda bem, é o Gilberto que volta a falar. “Você pede credenciamento para cobrir

o treino do Corinthians, convence a testemunha a falar com exclusividade, anota um pedido de férias, engole a bronca do diretor e acertando os detalhes do debate entre Lula e Collor. É difícil digerir tudo isso em pouco tempo”, insiste, enquanto apaga a bituca de um Minister no copo descartável com resto de café frio. Esse é o chefe Gilberto, numa tarde qualquer de 1989.

O amigo Gilberto, numa noite do mesmo ano, me mostra que nem tudo se resolve tão facilmente. Estamos numa padaria na Vila Guilherme, onde São Paulo é quase Guarulhos.

Tento retomar a conversa. Mas chega a terceira rodada e Jaime, o garçom, tem prioridade.

– O meu com colarinho – Gilberto reforça, esticando o braço e alcançando uma tulipa com espessa camada de espuma.

Enfim, minha vez.

– Gilberto, você me chama aqui, diz que o assunto é sério. Primeiro, fala de uma geladeira, depois reclama que tem trabalho demais, sendo que você mesmo diz que o melhor é quase morar dentro da redação. O que é que está acontecendo? Quinta geladeira é um código?

Outra tese.

– O mal da humanidade é a pressa. A geladeira – ainda mais a minha, que tem freezer turbinado – é só a ponta congelada de um iceberg. Uma metáfora, garoto. Gosta de metáfora?

– ...

Gilberto estala a língua com o primeiro gole, mastiga a carne crocante do frango a passarinho e só então abre o bico.

– Esther se irrita porque fico mais tempo no trabalho do que em casa.

– E por que você faz isso?

– Porque gosto mais da reunião de pauta do que do papo que temos no sofá, mais da comida dessa padaria do que das receitas esquisitas dela, mais de ver os telejornais do que encará-la saindo do banho.

– Sei.

Impossível não pensar na Esther saindo do boxe de cabelos molhados e corpo ainda quente.

– Esther já disse que vai fazer um curso de gastronomia vegana em Londres. Percebeu o detalhe? Vai fazer. Claro, gostaria que eu pagasse e que tirasse umas férias para acompanhar. Não tenho dinheiro, nem vontade. Esther também implica com minha filha. No último dia em que dormiu lá em casa, a menina pediu um bife no jantar. Ganhou um hambúrguer de soja com espaguete de abobrinha e tofu. As duas discutiram e ela ameaçou bater na Manuela. Pô, Manu tem 11 anos. Rosana, a ex, quase foi lá resgatar a filha.

– Que chato. E a geladeira?

- Esther ainda não sabe, mas tô caindo fora. Já vi uma sala e dois quartos para alugar. A mobília vou deixar com ela, e enquanto não escolho meus móveis, vou comprar uma geladeira nova. Esther ficará com a Samsung que eu trouxe quando começamos a morar juntos. Vou procurar uma Electrolux, com freezer grande e duas portas.

Tanto quanto a liberdade de solteiro, o que Gilberto queria mesmo era espaço para amontoar seu cardápio plastificado: lasanhas congeladas, pães de queijo e hambúrgueres.

Falo mais de Gilberto. Meu amigo tinha então quarenta anos, mas passava fácil por cinquenta. As doze horas diárias de trabalho, os muitos chopps na saída e o revezamento de frango a passarinho, picanha na brasa e pizza de calabresa com Minister para fazer a digestão, cobravam seu preço.

Tinha menos cabelos e mais cintura do que gostaria.

– É, será a quinta geladeira – admite Gilberto, um tanto cabisbaixo. Antes da quarta, essa que Esther já disse que é dela, teve a terceira, uma Consul verde-água, simples e até um pouco barulhenta. Eu e Rebeca nos conhecemos no Carnaval de Brasília, no Imprensa Que Eu Gosto, o bloco dos jornalistas, em plena campanha das Diretas Já. Foi chuva de verão. Acampeei na casa dela na folia e levei quase dois anos para sair. Ofereci a geladeira que tinha e ela aceitou. A Consul vivia cheia de cerveja e salame, que temperavam as rodas de samba. Ouvíamos Clara Nunes, Nelson Cavaquinho e Paulinho da Viola.

– Tô gostando.

– A gente ria de tudo, gostava de tudo, decorava letras, cantava e dançava junto, tomava banho junto e um enxugava o outro. Depois a

gente se molhava de novo. Passávamos os dias na farra, ainda com a ajuda do seguro de vida do pai dela e de uns bicos que eu fazia.

Gilberto se levanta para ir ao banheiro. Aguardo a volta, doido de curiosidade, com vontade de perguntar como era essa mulher. Ele se senta, acende outro cigarro e, sem que eu abra a boca, dá um Lexotan à minha curiosidade.

– Rebeca era bailarina, pernas longas, cintura fina, que delícia. Mas Sérgio entendia mais de samba do que eu: carioca do Méier, conhecia os morros, as malandragens, e sei lá o que ele cantou no ouvido da minha Rebeca. Eu estava de plantão cobrindo o desfile paulistano e o canalha convidou minha mulher para o carnaval carioca. Deu a ela a mais linda fantasia e depois deu muito mais. A cabrocha não resistiu, encheu o caminhão de mudança e partiu para a outra ponta da Dutra. Nem bilhete deixou. Não havia o que fazer, e lá se foi a Consul. Ficou também com a coleção do Paulinho. Eu passei a ouvir Lupicínio Rodrigues e até hoje meu cotovelo dói.

Mais íntimo dos amores e das geladeiras de Gilberto, aceitei o chopp que Jaime me ofereceu e arrisquei.

– Gilberto, e a segunda geladeira, seria uma Brastemp?

– Garoto, você acertou! Brastemp, isso mesmo. Mas vamos falar primeiro da Rosana. Ela me encarou numa noite de lua cheia em Trancoso, pegou nas minhas mãos e explicou que era questão de tempo, que eu seria o homem da vida dela e ela a mulher da minha existência. Para sempre íriamos viver juntos. Uma vida inteira, eterna. Ali, naquela maresia gostosa, terminamos o baseado e ouvimos a música de Moraes Moreira que vinha de um quiosque:

*“Deixa eu penetrar na tua onda, deixa eu me deitar na tua praia  
Que é nesse vai e vem nesse vai e vem que a gente se dá bem  
Que a gente se atrapalha.”*

Gilberto se empolgou e repetiu o refrão em voz alta com os olhos fechados e buscando, com a voz rouca, o sotaque do Moraes.

*“...é nesse vai e vem nesse vai e vem que a gente se dá bem  
Que a gente se atrapalha.”*

“Sintonia” está muito longe de ser das melhores músicas do Moraes, mas quando queria, sabia ser brega, o Gilberto.

– É, garoto, seguimos o conselho do Moraes ali mesmo, na areia morna de Trancoso. Nove meses depois nasceu Manuela.

– Conte mais, mas me dê um minuto.

Agora era minha bexiga que gritava por socorro. No caminho, encomendei mais dois a Jaime.

– A mudança foi apressada, e antes mesmo do berço o que desembarcou na parede lateral da cozinha do apartamento de Pinheiros, sem elevador e sem porteiro, foi a Brastemp. Ajudei os carregadores. Que luta trazer aquele monumento de aço pelas escadas! Linda, vermelha, de puxador cromado e pés redondos que eu atarraxei com todo carinho.

Gilberto engole em seco, tem os olhos molhados e coça a barba.

– Com Manuela, nasceu a nossa família. Nunca amei tanto uma mulher como a Rosana. Dormíamos e acordávamos abraçados. Manuela crescia, a gente era feliz, sabia disso e queria mais. Já tínhamos até escolhido o nome do irmãozinho dela, Teodoro.

No último gole do sexto chopp, o casal do fundo já havia partido e a padaria Estrela estava deserta.

Jaime se despede, as cadeiras descansam sobre as mesas. Começa a faxina. Água, creolina e serragem espantam a gordura e encharcam nossos sapatos.

– A saideira!

– Como era gostoso ouvir Rosana! Professora de português, lia muito, escrevia e se expressava muito bem. Pronomes, verbos, preposições, crases, tudo no lugar certo. Falava também inglês, espanhol e, com dois anos de casamento, aprendeu alemão. Logo depois que a Itália eliminou o Brasil na Copa de 82, ela decidiu: queria dominar também francês e italiano. Ganhou bolsa para a universidade de Bolonha e desejava levar Manuela.

Gilberto abre a carteira e exhibe uma foto da menina. Descabelada, ela penteia uma boneca, no colo do pai. Mais magro, de óculos Ray Ban, ele sorri para a fotógrafa – que é Rosana, claro.

– Bola dividida, hein, amigo? – Tento uma frase de efeito, mas Gilberto ignora.

– Eu disse não, ela insistiu. Fechei a cara, ela emburrou. Decidi, eram só três meses, fazia muito frio, a menina não ia e pronto. Manuela ficou e achei que tinha ganho a parada. O problema é que Rosana também ficou. Ficou por lá. Primeiro mais três meses, como complemento de algumas matérias, depois mais três, porque tinha especialização e aí já era verão, e por que não viajar um pouco? Numa daquelas praias adriáticas, mergulhou com Angelo e voltou com o italiano na bagagem. Manuela, ainda muito pequena para entender, passou a morar com a mãe e o padrasto. Engoli o orgulho, a inveja, e a gente, com o tempo acabou, quase amigos. Acho que Angelo ainda gela o vinho na minha antiga Brastemp, vermelha, de puxador cromado e pés redondos.

Antes da segunda saideira, interrompo a história com a língua um tanto pesada e a voz pastosa.

– Falta a primeira.

– A história dessa aí até Rosana e o marido conhecem. Um dia, apresentei a eles Pablo, que trabalhou comigo e depois virou ator. Agora, sim, depois de tanto tempo, eu e ele éramos amigos, nada mais. Com Pablo, comprei o primeiro refrigerador. A gente foi junto ao Mappin da praça Ramos. O vendedor, indiscreto, perguntou se éramos irmãos. Poucos homens moravam juntos no final dos anos 70. Não demos conversa e nos encantamos com a Westhinghouse, marca americana. Robusta, resistente, café-comleite, com gavetas translúcidas, igual à que avó dele tinha em Bauru, onde guardava para o neto os pudins de leite condensado, as musses e o sorvete napolitano da Kibon. Era lindo, o Pablo. Alto, louro, forte e com um sorriso que era só para mim. A gente cozinhava junto, namorava e lia Clarice e Agatha Christie um para o outro.

Enquanto sustento as pálpebras para não me entregar ao sono, admiro a memória do meu amigo. O álcool ilumina ainda mais os neurônios de Gilberto.

– Dei para ele um violão usado, que comprei na loja do Ademir, na rua Teodoro Sampaio, com três cheques pré-datados. Meu amor muitas vezes me acordou com *Um Rapaz Latino Americano*, de Belchior, e café cheiroso com ovo mexido e suco de laranja. Dividimos a cama, a

casa e as doze prestações da geladeira. Ele tinha ciúme de Sueli, a vizinha do 22, de Regina, minha ex-colega de faculdade, e de Suelen, a filha de dona Antônia, a diarista. Sempre jurou que eu era hétero. Eu ouvia e não sabia o que responder. Terminamos sem brigas, num domingo de maio, pouco antes do Dia dos Namorados. Ele se ofereceu para pagar a minha parte da geladeira e eu recusei. Dei a nossa Westinghouse, com suas gavetas translúcidas, de presente ao meu primeiro e único marido. Lá dentro, deixei uma garrafa de Campari e um pouco das minhas ilusões.

Gilberto pede mais duas latas para viagem, que tomamos no táxi.

Foram as últimas. Sumimos um do outro.

Mudamos de emprego, de cidade, de século.

E até eu troquei de geladeira.

Dia desses, no Facebook, entre posts de notícias e discussões políticas, lá estava Gilberto me lembrando de tudo isso.

“Alguém sabe se cliente da Porto Seguro tem direito ao serviço que conserta eletrodomésticos? O motor da minha geladeira pifou e não quero mais trocar de geladeira. Nunca mais.” ■

**Luis Cosme Pinto** nasceu em 1961, no bairro carioca de Vila Isabel, Rio de Janeiro. Em 1987, mudou-se para São Paulo, onde vive até hoje. Jornalista, trabalhou como repórter e editor nas principais emissoras de TV do País. Em 2011, publicou o livro de crônicas *Ponte Aérea* (Novo Século).